



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino 2

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-16-1
DOI 10.22533/at.ed.161182108

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte é transformadora, liberta pensamentos, angústias, alegrias, quebra paradigmas, é um espaço de expressão democrático, por isso sua presença na educação é tão relevante.

Através da arte abrem-se caminhos de transformação e de inclusão social. Uma vez que para o homem não basta sua vida individual, sua personalidade, ele busca realizar-se através de um 'ser social'. São nossos sentidos que fazem a mediação com o exterior, com o social, e são exatamente esses sentidos que são tocados, ou provocados quando em contato com a arte.

Discutir arte nos estabelecimentos de ensino é formar cidadãos mais conscientes de sua atuação em sociedade, mais críticos e também com um senso estético mais apurado.

Esta é a proposta deste livro, abordar discussões sobre práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de arte, sobre a experimentação do fazer artístico e como isso reflete na aprendizagem. Devemos considerar que a abrangência das temáticas e linguagens artísticas se faz bem representadas nos capítulos, pois são infinitas as possibilidades de expressão. Teremos então um fio condutor que perpassa a discussão sobre métodos ou técnicas de ensino, mostra o papel de inclusão social que a arte educação nos oferece, na sequência os debates sobre música, dança, teatro, cinema, as artes visuais finalizando com a fotografia. Dentro dessas linguagens podemos encontrar discussões sobre metodologias específicas e práticas aplicadas.

Essa abrangência dos temas nos mostra o quanto necessário é o debate sobre o fazer artístico na escola. Este normalmente é um componente curricular deixado em segundo plano, quando não totalmente negligenciado, em detrimento do 'saber científico'. Dar consciência da relevância da arte na história é tema urgente entre as pautas da arte educação. É através da arte que conhecemos nossa história, nas representações de quadros, esculturas, da música, mais recentemente do cinema e de tantas outras formas, que sempre estiveram presentes nos livros didáticos de todas as disciplinas.

O que é necessário é que o aluno deixe de conhecer as obras artísticas apenas como ilustração dos livros e passe a fruir estas produções, a se apropriar delas através do estudo de seu contexto, de sua produção e de sua reflexão, como defende Ana Mae Barbosa em sua proposta triangular. Apenas quando há apropriação há conhecimento, se não teremos apenas a informação. Trabalhar a arte como fundamento do ensino é uma das boas maneiras de transformar essa informação, tão abundante atualmente, em conhecimento.

Inspiremo-nos nas novas metodologias aplicadas em escolas de todo o mundo, nas quais a arte é o ponto de partida, e através da interdisciplinaridade conduz os conteúdos dos currículos. Afinal a arte inspira, provoca, transcende, é fenômeno

cultural e pode ser entendida como reflexo do mundo, ajudando a compreender e explorar a sociedade e a si mesmo.

Que esta leitura seja agradável, reflexiva e lhe conduza às ações!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESIGN E ARTESANATO COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO: O CASO DA DASPRE <i>Ekaterina Emmanuil Inglesis Barcellos</i> <i>Galdenoro Botura Jr</i>	
CAPÍTULO 2	12
CONSTRANGIMENTO E LIBERDADE CRIATIVA <i>Domingos Loureiro</i>	
CAPÍTULO 3	23
ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIAS POÉTICAS <i>Fernanda Maziero Junqueira</i>	
CAPÍTULO 4	39
MÚSICA, POLÍTICA HIP- HOP E RESISTÊNCIA CULTURAL <i>Maria Beatriz Licursi</i>	
CAPÍTULO 5	49
CARTOGRAFIAS DOS ESPAÇOS SENTÍVEIS: NOVOS OLHARES PARA EXPERIENCIAR NA CIDADE <i>Adriano Moraes de Freitas Neto</i> <i>Rafael de Sousa Carvalho</i>	
CAPÍTULO 6	59
ARTE EM VIDRO: UMA VISÃO FEMININA <i>Teresa Almeida</i>	
CAPÍTULO 7	67
ARTE E ILUSTRAÇÃO BOTÂNICA: RELATO DE PRÁTICAS <i>Alessandra da Silva</i> <i>Ricardo de Pellegrin</i> <i>Gina Zanini</i>	
CAPÍTULO 8	78
ADORNOS: DESIGNERS E MATERIAIS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX <i>Julia Yuri Landim Goya</i> <i>Maria Antonia Benutti</i>	
CAPÍTULO 9	91
ARTE E TECNOLOGIA – APLICAÇÃO DE ARDUINO NA MONTAGEM DE UM MONITOR 3D “CUBE LED” (CUBO DE DIODO EMISSOR DE LUZ) <i>Rodolfo Nucci Porsani</i> <i>Augusto Seolin Jurisato</i> <i>Maria do Carmo J. Plácido</i> <i>Sérgio Tosi Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 10	105
A ACESSIBILIDADE NA 17ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO 2016 PELO ACERVO DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MATO GROSSO DO SUL (MARCO) <i>Patrícia Nogueira Agüena</i> <i>Celi Corrêa Neres</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	129

DESIGN E ARTESANATO COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO: O CASO DA DASPRE

Ekaterina Emmanuil Inglesis Barcellos

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação
Bauru – São Paulo

Galdenoro Botura Jr

Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Ciência e Tecnologia
Sorocaba – São Paulo

RESUMO - Este artigo se propõe a apresentar um estudo sobre o projeto de capacitação e reinserção social desenvolvido pela FUNAP, destinado a presos, presas e egressos do sistema prisional. O projeto consiste no aprendizado por meio do Design, da Arte e do Ofício, utilizados como potencial instrumento para a ressocialização em programas nas unidades prisionais do Estado de São Paulo onde oficinas artesanais desenvolvem objetos e produtos sustentáveis de apelo popular e cultural. Programas sociais com este perfil contribuem para a recuperação e inclusão e inovação social para indivíduos oriundos do sistema carcerário que adquirem capacitação, empregabilidade e oportunidade de trabalho remunerado; resultam em elevação do nível moral e físico; geram uma perspectiva futura de colocação profissional e melhoria de vida; ressignificam a dimensão simbólica do objeto

artesanal popular por meio Design visceral, vernacular e reflexivo que traz à luz um viés de solução e revitalização, baseada na arte local da diversidade e identidade da cultura nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Design; Artesanato; Inclusão e Inovação Social; *Arts & Crafts*.

ABSTRACT ³/₄ This article aims to present a study about the training project and social reintegration developed by FUNAP for prisoners and former convicts. The project consists on learning through the Design, Arts and Crafts, conceived as a potential tool for rehabilitation programs in prisons of the State of São Paulo where handcraft workshops develop objects and sustainable products of popular and cultural appeal. Social programs with this profile contribute to the recovery and social inclusion; acquires training and employment opportunity; results in the elevation of the moral and physical level of people gathered in the prison units; generates a future perspective of job placement and improvement of life quality; reframe the symbolic dimension of the popular handmade objects through the visceral and reflective Design that brings forth a solution bias and popular handcraft revival, based on the local art of diversity and identity of national culture.

INDEX TERMS - Design; Handcraft; Social Inclusion an Innovation; Arts & Crafts.

1 | INTRODUÇÃO

“DASPRE: a grife que liberta - mais que uma lembrança um ato social” (FUNAP, 2012). Com este slogan, a grife “das presas”, busca o caminho para a liberdade por meio da empregabilidade pelo Design Artesanal e pela Arte popular. O projeto é parte de uma proposta de inserção por meio de inovação social. É voltada a um segmento de recuperação da sociedade e centrada no cooperativismo e empreendedorismo, possibilitando o desenvolvimento de produtos de técnica artesanal e permitindo uma maior garantia de sustento a um(a) artífice recém-capacitado(a). O projeto recebeu certificados da SUTACO e o Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia, (www.funap.sp.gov.br), no ano de 2009, em reconhecimento por promover “produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social”. (FUNAP, 2014).

O trabalho prisional visa ocupar de forma proativa o tempo de sentença dos detentos, e cria a possibilidade de obter uma remuneração direcionada às famílias dos mesmos. A perspectiva de melhoria na condição de vida destas pessoas tende a proporcionar uma recuperação social, evitando o retorno das mesmas ao sistema carcerário. Este procedimento se baseia em relatos e números obtidos pela Fundação “Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel - FUNAP” (www.funap.sp.gov.br), que coordena e executa os Programas de Educação, Cultura, Trabalho e Assistência Jurídica às pessoas recolhidas nas unidades prisionais do Estado de São Paulo. O órgão é vinculado à Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), que igualmente é responsável pelo desenvolvimento de uma marca de produtos resultante deste projeto de inclusão e inovação social, denominada “DASPRE” [produzido pelas presas, ou seja, “das pre”(sas)] (DASPRE – FUNAP, 2018). O projeto busca capacitar e profissionalizar presas, presos e egressos (denominação dada àqueles que saem do sistema prisional), para criação de artesanatos diferenciados. No projeto da Daspre, as reeducandas adquirem aptidões artesanais e noções de produto, artes manuais, criação, design e projeto dos produtos. Aprendem a interpretar desenhos e observar os protótipos e as peças-piloto, capacitando a reprodução em série, por meio do treinamento profissional que a instituição fornece. A prototipagem acompanha regras viáveis de desenvolvimento e cria metodologias reaplicáveis, que facilitam a produção seriada.

O produto resultante deste trabalho é um design do objeto artesanal de diversidade cultural que integra o cotidiano voltado ao consumo do dia-a-dia, para o uso decorativo e/ou pessoal. O efeito dinâmico deste sistema de produção baseado na cultura popular e artesanal é inegável, vez que a pessoa privada de liberdade, ocupa sua mente e físico, sentindo-se menos ociosa e mais motivada. A principal finalidade do programa é orientar para a chance de um retorno mais digno à sociedade, e com uma nova perspectiva de vida por meio desta experiência. Sendo assim, é perceptível

que o projeto passe a ser um método de recompensas. Podemos dizer que, em critério específico, neste caso, o aprendizado do artesanato em geral, da arte e do design corroboram para um caminho à remissão de pena. Parafraseando um pensamento de Crane (2011), pode-se concluir que a arte, o design artesanal e a moda podem se constituir em sistemas de recompensa e produção de cultura em vários níveis de interpretação, o que se aplica, no contexto do estudo, também à ressocialização.

2 | ART & CRAFTS E A BUSCA PELA INSERÇÃO SOCIAL

William Morris foi historicamente um dos grandes incentivadores da “arte feita pelo povo e para o povo”. Principal líder do movimento *Arts and Crafts* de 1880-1900, (ENCICLOPÉDIA ITAÚCULTURAL, 2018) defendia o artesanato como uma alternativa à produção em massa e à mecanização. O aspecto social era um dos objetivos centrais do movimento determinado pela perícia na execução dos produtos; pelo acabamento artesanal; pelo profundo conhecimento do ofício da arte e do artesanato. Definido pela “busca de iguais condições entre artesãos e artistas e uma estética totalmente ligada ao fazer artesanal” (www.encyclopedia.itaucultural.org.br/termo4986/arts-and-crafts). Morris se situava no estrato social como um herdeiro formado em Oxford; era artista e poeta entre outras atividades, e um ativista político com uma visão socialista voltada ao papel da arte frente ao insurgente mercado industrial ‘automatizante’ e limitador (ENCICLOPEDIA ITAU CULTURAL, 2018).

As capacidades projetuais e de execução do Ofício e da Arte que caracterizaram o movimento *Arts & Crafts* no séc. XIX, foram e ainda são essencialmente classificadas como instrumentos para a melhoria e autonomia de artistas e artesãos, no sustento e na vida. O design artesanal é fonte de cultura e sobrevivência. Segundo Adélia Borges (2011) (conf. <http://www.adeliaborges.com>), “(...) o lugar do artesanato na sociedade contemporânea está se expandindo”; sobre sua ressignificação, os valores deste artesanato “(...) vêm sendo mais reconhecidos recentemente, tais como calor humano, singularidade e pertencimento” (BORGES, 2011). A revitalização do objeto artesanal como bem define a autora vai além da adequação de forma e da função e se relaciona, sobretudo, ao afeto, memória e cultura impregnada nos objetos feitos à mão (BORGES, 2011). Complementa que é necessário entender a diferença de contexto dos produtos, pois a apreciação e valorização da arte popular, vernacular, e do conceito de Design Artesanal “(...) ajuda a enfraquecer o preconceito que atribui conotação de inferioridade às coisas feitas à mão e de superioridade às coisas projetadas pelo intelecto” (BORGES, 2011). Borges corrobora em seus estudos e publicações com a ótica de Morris, de que os produtos de qualidade, vinculados sob vários aspectos às comunidades em que são feitos, promovem a melhoria de vida dos produtores e usuários e estimulam um desenvolvimento mais justo e equânime do país. Portanto a arte local, regional e global dos projetos e trabalhos de artesãos responde às necessidades econômicas e

abrange uma criação distinta e essencial, especialmente em comunidades marginais, onde o trabalho artesanal comunitário, bem direcionado e bem executado quebra as estruturas, relações e poderes das cadeias de fornecimento da indústria; promove autonomia e enriquece a vida dos artesãos e designers, bem como daqueles que compram suas peças, sendo de fato conforme Fletcher e Grose (2011) “um catalizador de mudanças sociais e econômicas” e “na criatividade dos designers e na capacidade de dar grandes saltos de imaginação que podem transformar não só o modelo como fazemos as coisas, mas também o modo como pensamos” (FLETCHER; GROSE, 2011, p.48).

A convergência de trajetórias distintas embasadas em um design visceral e reflexivo, relacionando pessoas de diferentes origens e vivências, com conhecimentos e habilidades variadas, é o que se poderia definir como identidade brasileira, de uma pluralidade que se encontra na cultura das ruas e nas artes plásticas. Além disso, geram um aspecto de aproximação dos povos com suas culturas. Esta conexão emocional entre o usuário e o produto se dá pelo reconhecimento desses elementos sociais de tradição e cultura. Podemos dizer que além do talento humano investido, o design visceral e comportamental cria uma relação íntima entre o produto e o usuário, quando pela emoção reconhece elementos de sua cultura e tradição no produto, e encaminha-se ao design reflexivo, incluindo questões do conceito do Design Emocional (NORMAN, 2006, 2008). O processo criativo do projeto e do design é comum ao artesanato popular, pois, geralmente, os artesãos trabalham por seleção natural de resultados, confirmados e checados pelo uso e pelo olhar crítico. A cada modificação que se faz no objeto, cria-se uma melhoria contínua, portanto, o produto é radiografado em sua evolução, desenvolvendo metodologias de reprodução, e costurando partes de sua história e origem até o momento presente em que a nova cultura que o identifica enxerga as referências anteriormente inseridas. Em suma, o consumo simbólico de objetos forma uma cultura-mundo, como define Ortiz (ORTIZ, 1998), cujos ícones, independentemente do local, agem como um agente social sobretudo gerador de empregos. Este simbolismo aproxima a sociedade de sua cultura e remete a uma citação de Boaventura Santos (2004) que sugere que uma justiça social global só pode ser alcançada por meio de uma justiça cognitiva e global, e completa que a dimensão das comunidades em suas possibilidades de solidariedade e participação aprofundam os compromissos democráticos e pluralistas (SANTOS, 2003-2004).

3 | DASPRE: A RESSOCIALIZAÇÃO PELA ARTE E OFÍCIO

Os projetos sociais embasados na revitalização artesanal, focados na criação de empregos como perspectiva de inserção social que ensinam uma função e profissão, resultam num trabalho que dignifica. São um potente instrumento de recuperação e

ressocialização e de inovação social. Segundo Meadows e Randers: “uma sociedade que fala de criar empregos, como se isso fosse algo que só as empresas fazem, não inspirará a maioria das pessoas a criar empregos para si mesmas ou para as outras” (MEADOWS; RANDERS, 2004). Ao se tornarem egressos, os recém-capacitados artesãos adquirem habilidades suficientes para prover seu sustento. A possibilidade de progredir e prosperar por meio de trabalho digno constitui um provável reverso da moeda contra a violência e a reincidência criminal. Trata-se de pessoas que, provavelmente não tiveram acesso à educação ou ao conhecimento, perderam ou não possuem ocupação profissional. Estarão se capacitando e se preparando para a futura liberdade. Enquanto reeducandos são dependentes do ‘adestramento’ proposto pela instituição (no sentido de capacitação, de criar uma habilidade não existente anteriormente). Nesta situação, adquirem a ferramenta mais importante que é o conhecimento dos meios de produção, ferramentas estas propostas pela Fundação (FUNAP, 2014 – 2018) Como aprendizes, adquirem a aptidão de artesãos e executam projetos orientados, confeccionados repetidamente, e aperfeiçoados utilizando seu aprendizado e habilidades para posterior produção pessoal.

Iniciativas com este perfil, que desenvolvem ações, e que contribuem para a recuperação dessas pessoas visam gerar função autônoma, independente, sem a necessidade de um contrato formal de trabalho. Segundo Lúcia Casalli, diretora da FUNAP: “O principal objetivo do projeto é socializar pessoas que não tiveram oportunidades na vida e acabaram praticando um crime que as levou ao cárcere”, “Estamos dando a eles, o que antes não lhes foi dado” (BRETAS, 2016).

Todos os produtos confeccionados pelo projeto visam uma postura ecológica e buscam ser politicamente corretos, do ponto de vista do respeito ao meio ambiente, envolvendo reciclagem de matérias-primas e reaproveitamento de materiais (www.funap.sp.gov.br). Um aspecto específico dos produtos da Daspre é o local de sua comercialização, que ocorre apenas em unidades como a loja “Do lado de lá”, em SP, na Vila Buarque, vinculada à Fundação (BRETAS, 2016). A venda destes produtos, de ação social inclusiva e inovadora, é a garantia da expansão e de continuidade do projeto, em sua sustentabilidade. A engrenagem necessita se auto abastecer para alimentar e prover a iniciativa de proporcionar um futuro melhor aos que estão em processo de aprendizagem, aguardando a liberdade e oportunidade de alcançar a cidadania (BRETAS, 2016).

A Criação do nome DASPRES, como citado anteriormente, é uma abreviatura de “das presas”; um trocadilho como apelido, similar ao utilizado pela grife de nome Daslu (que era um anagrama para Daslu = das lu, das duas “Lu” – iniciais do nome das proprietárias, Lucia e Lourdes)

A marca DASPRES foi criada em 2008, de maneira informal, e teve grande repercussão em um Bazar de Natal, realizado naquele mesmo ano. A marca foi bem acolhida pela iniciativa social, por sua proposta e seus produtos interessantes e sustentáveis. Com esse retorno, a DASPRES se expandiu e hoje chegou a 14 unidades

produtivas de produtos de arte e design artesanal, atendendo não apenas às mulheres, mas também aos reeducandos homens, que são contratados como artesões, para algumas atividades específicas, como a produção de mobiliário e marcenaria. Cada oficina é responsável por uma ou mais atividades, como a produção de caixas de papel do tipo Paraná, forradas em tecido, realizada na Penitenciária Feminina de Sant'Ana, na capital paulista. Nesta mesma unidade, acontece a oficina de crochê, com uma gama de produtos diversificados nesta técnica. São várias as especialidades: marcenaria, marchetaria, o trabalho com renda Nhanduti, a patchcolagem, além de outras técnicas, muitas delas aprendidas por meio dos cursos oferecidos pelo Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo (FUSSESP).

Outro projeto realizado pela FUNAP, que visa a capacitação profissional são os Centros de Produção e Qualificação Profissional (CPQP), ou, simplesmente, as oficinas próprias da FUNAP. Lá, são priorizadas a capacitação profissional nas áreas de confecção, móveis administrativos e escolares, metalurgia e laminados de espuma antichamas.

O objetivo da DASPRE vai além da fabricação e comercialização dos produtos. O que se pretende como resultado é qualificar os participantes tanto no que se refere às técnicas de artesanato, quanto em relação à estruturação de um possível empreendimento próprio, uma autonomia de trabalho (www.funap.sp.gov.br). A meta da DASPRE não visa lucros, mas sim criar oportunidades, objetivando a capacitação para a inserção e ressocialização.

Para capacitar as artesãs faz-se uma seleção nas Unidades Prisionais considerando questões como disciplina, tempo de condenação e, certamente, a vontade e aptidão para o trabalho artesanal.

Desde sua criação, já passaram pelo projeto mais de 6.000 detentas selecionadas, e a reincidência dentro do projeto tem sido zero (conf. FUNAP, até 2012). Até início de 2013, data final de coleta de dados do estudo, cerca de 250 participantes, sendo mais de 70 deles, mulheres, já haviam participado das oficinas. Além do reconhecimento de seu trabalho, recebem bolsa auxílio, no valor de $\frac{3}{4}$ do salário mínimo, pelo trabalho executado, e o principal: benefício da remição de pena (cada três dias de trabalho reduz em um dia a condenação). Pelo Termo de Parceria entre a FUNAP e a SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades), 322 ex-presidiárias já receberam certificação e carteira de identidade de artesão.

Outra parceria importantíssima é com o FUSSESP, onde são oferecidas, gratuitamente, para mestras de ofício e servidoras de carreira da FUNAP, vagas ofertadas às reeducandas em regime semiaberto, que têm a oportunidade de aprender costura, bordado em linha, pedraria, e outras técnicas. Todos os participantes são certificados pela SUTACO como artesões no sistema penitenciário.

4 | O OBJETO ARTESANAL DASPRE E SUA PRODUÇÃO

Segundo depoimento da Dra. Rosália Andreucci, representante da chefia de gabinete da FUNAP à época da pesquisa, os produtos são totalmente inseridos no contexto atual de consumo sustentável e socialmente adequado. “As “ideias são criativas e populares, inspiradas em objetos do design artesanal popular”. Os funcionários da FUNAP têm espaço para sugerir peças e protótipos de novos produtos, ampliando e diversificando, dessa forma, a linha de produtos da DASPRE” (conf. Dra. Rosália Andreucci, FUNAP, 2012).

Um bom exemplo do conceito de interação, transformação e inclusão social do projeto é o compartilhamento de ideias, a sugestão vinda de uma sentenciada, para a criação de “bonecas de ação social (carequinhas), voltadas a crianças com câncer, assim como bonecas negras e orientais, com foco em cidadania e diversidade”. Propostas sustentáveis são uma prioridade, como “jogos de memória produzidos com embalagens de fundo de caixas do tipo Tetra Pak (“sugestão de uma sentenciada”, conf. relato da Dra. R. Andreucci, 2012). Os produtos sugeridos são projetados e pilotados. A aprovação dos pilotos é definida pela Diretoria Executiva da FUNAP, pela diretora e idealizadora do Projeto, Dra. Lúcia Casali (2012 - 2018), e pela Dra. Rosália Andreucci, Chefia de Gabinete (2012).

As mestras de ofício da FUNAP, responsáveis pelas Oficinas DASPRE, fazem o desenvolvimento e a orientação para a execução das primeiras criações e as difundem. Após a aprovação, distribuem as metodologias reaplicáveis para todas as unidades artesanais. A primeira peça é feita geralmente, na Sede, porém algumas podem ser inicialmente desenvolvidas nas Oficinas instaladas nos estabelecimentos prisionais espalhados pelo interior do Estado de São Paulo. Há sempre um projeto e um protótipo modelo em todas as unidades das Oficinas. Após a aprovação produz-se em torno de 15 peças para uma avaliação de receptividade na loja “Do Lado de Lá” (vinculada à Instituição em SP) antes de gerar uma produção em série, de cerca de 50 peças. O Catálogo de produtos é bem variado:

A) Esculturas e objetos artísticos exclusivos ou peças de decoração (em materiais diversos como metal, madeira, trabalhos em marchetaria, e outros);

B) Objetos de uso pessoal e utilidades domésticas (tecido, patchwork, recicláveis, outros);

C) Brinquedos, jogos, bonecas, carros, etc. (em materiais variados);

D) Mobiliário decorativo, de escritório, infantil, móveis escolares (novos e reformados), móveis administrativos, réplicas de móveis antigos, cabides e detalhes variados em marchetaria;

E) Vestuário/acessórios: bolsas, sacolas ecológicas, blusas, artigos em tricô, xales, cachecóis, luvas, artigos infantis, roupas e acessórios para bebês, etc.;

Apenas presidiárias no regime semiaberto podem trabalhar no projeto “Daspre-

Do lado de lá”. Conforme Bretas (2016), em dados divulgados pela revista EXAME, no Brasil, 89 mil pessoas estavam cumprindo pena em regime semiaberto em 2016. No entanto, deste montante, somente 20% estão inseridas no mercado de trabalho.

Ao final do expediente de trabalho, capacitação e produção, as mulheres que ocupavam o modesto galpão, com mesas e máquinas de costura, retornam diariamente às respectivas unidades prisionais e celas (BRETAS, 2016).

A seguir, Figuras 1, 2, 3 e 4 apresentam algumas amostragens de trabalhos realizados no ano de 2012 detentos.



Figura 1: Esculturas motocicleta e bicicleta feitas com restos de rolamentos, metal de descarte, sobras de metais, tesouras e alicates etc.

Fonte: acervo DASPRE, www.daspre.sp.gov.br. Acesso em 27/07/2012.



Figura 2: Porta-retratos em marchetaria, e, carro antigo em madeira envelhecida.

Fonte: acervo DASPRE, www.daspre.sp.gov.br. Acesso em 12/10/2014.

Grande parte do material é fruto de doação, sendo a maior parte deles ecologicamente corretos, como fibras e compostos naturais reaproveitados. Nos tecidos, prioriza-se o algodão cru, em tela ou sarja, liso ou nas mais variadas estampas. Nas bolsas e sacolas ecológicas trabalha-se também com lonas, papéis cartonados, embalagens Tetrapak reutilizadas, sobras de cartazes e de banners, e outros materiais recicláveis e reaproveitáveis, focando sempre para a confecção de produtos ecologicamente adequados.



Figura 3: À esquerda: Dra Rosália Andreucci com modelo feito com restos de banner e cadaço sarjado; à direita.: acervo DASPRE - bolsa em Patchwork confeccionada com restos de tecidos diversos.

Fonte: Imagem dos autores e à direita: acervo Daspre, www.daspre.sp.gov.br. Acesso em 12/10/2014.



Figura 4: Bolsa em crochê, entremeadada por lacres de latinhas de cerveja descartados

Fonte: Imagem dos Autores, acervo Daspre, 2012.

Para objetos e produtos de madeira, utilizam-se em geral “*Pallets*” canadenses e madeiras de desmanche reaproveitadas. A FUNAP adquire algumas matérias-primas complementares por meio de compra direta.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As iniciativas sociais aparentemente habilitam chances a grupos vulneráveis desenvolvendo seus potenciais como indivíduos, cidadãos e profissionais. O projeto da Daspre se insere no perfil de políticas sociais, inovação social e em intervenções a favor de um sistema mais digno e justo. O processo artesanal dos produtos se

caracteriza por uma produção manual confeccionada em pequena série, ou quase exclusiva, num processo inverso ao da mundialização e voltado ao consumo local e regional, e contribuem para o aprimoramento do design artesanal e de identidade cultural; essa cultura é diversa e influenciada, pois cada reeducanda(o), artesã(o), aprende o mesmo ofício dentro do projeto, e agrega novas ideias e técnicas que serão incorporadas às metodologias aprendidas. A FUNAP atende um caminho de reconstrução do objeto artesanal popular brasileiro com foco em sobrevivência e sustentabilidade. Conforme Norman, “(...) sabendo olhar com atenção a si mesma e aos outros, cada pessoa se torna capaz de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população em geral” (NORMAN, 2006, 2008). Com um trabalho pautado por disciplina e organização, a instituição permite que cada aprendiz, técnico, mestre ou criador, execute e expresse de maneiras distintas seu trabalho, sua arte e seu design artesanal, sua herança vernacular, depositando memórias e experiências assimiladas em cada objeto manufaturado e gestando uma forma de multiculturalismo. O estilo alternativo refletido no objeto artesanal, e revisto em sua essência ‘literalmente marginal’ (considerando-se o contexto da pesquisa neste caso), inova o Design Artesanal do dia-a-dia; também recupera, dignifica e dá garantia a um novo plano social. Esta iniciativa foca na ressocialização e na inovação voltada às questões sociais, e propõe uma forma de justiça social, trazendo nos produtos o lema da marca, que a define: “DASPRE: a grife que liberta’, e, ‘mais que uma lembrança um ato social”. Um ato e uma chance de justiça e de recuperação social.

AGRADECIMENTOS

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio recebido na publicação deste artigo, por meio do processo de Nº 2016/11169-4.

À FUNAP pela colaboração no estudo, e à Chefia de Gabinete da FUNAP/Daspre, representada em 2012 pela Dra. Rosália Maria Andreucci Naves de Andrade (Chefe de Gabinete de 2006 a maio de 2013)

À COPEC pela liberação dos copyrights.

Este estudo e pesquisa de campo foi realizado no ano de 2012 e 2013, junto à FUNAP e à Daspre e loja “Do lado de Lá” (Vila Buarque, São Paulo, SP, Brasil), que concedeu os dados para fundamentar esta pesquisa, por meio de sua assessoria de imprensa FUNAP (2012/2013). tendo sido concluído em 2014 (WCCA COPEC2015), revisado em 2018, para esta nova edição.

REFERÊNCIAS

BORGES, A. “**Design + artesanato: o caminho brasileiro**”, Adélia Borges. São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2011. 239 p.

- CRANE, D. “**Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**”. Maria Lucia Bueno (org). São Paulo: Senac, 2011. 272 p.
- FLETCHER, K.; GROSE, L. “**Moda & Sustentabilidade - Design Para Mudança**”. São Paulo: Senac, 2011.
- LAMBOURNE, L. “**Utopian craftsmen: the arts and crafts movement from the Cotswolds to Chicago**”. London: Astragal Books, 1980.
- MEADOWS, D.; MEADOWS, D.; RANDERS, J. “**A atualização de 30 Anos. Limites do Crescimento** “. Chelsea Green Publishing, 2004.
- NORMAN, D. “**Design Emocional - porque adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**”. São Paulo: Rocco, 2008. 323 p.
- NORMAN, D. “**O design do dia-a-dia**”. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. 272 p.
- ORTIZ, R. “**Mundialização e Cultura**”. São Paulo: Brasiliense, 1998. 234 p.
- SANTOS, B.S. “**Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**”. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 614 p.
- SANTOS, B.S. “**Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**”, in B. S. Santos (org.), Conhecimento prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as Ciências’ revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRETAS, V. In: Revista EXAME. Exame.com. 2016. Série Bastidores dos Brasil. Como funciona a loja Daspre, onde só trabalham presidiárias. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/um-dia-em-um-atelie-comandado-por-presidiarias/>>. Acesso em 15 de abr. 2018.
- ENCICLOPÉDIA ITAUCULTURAL. **Arts and Crafts**. 2013 (atualizado em 23-02-2017). Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4986/arts-and-crafts>>. Acesso em: 15 de abr. 2018.
- FUNAP. Fundação Dr Manoel Pedro Pimentel. 2014. **Daspre - Nova grife das presas**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=l6Bqzxb4rTk> Daspre - Nova Grife das presas - FUNAP>. Acesso em: 07 de mar. 2014.
- MONTE, R. **Ressocialização: presas do Auri Costa são estimuladas a trabalhar**. 2011. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/video/ressocializacao-presas-do-auri-moura-costa-sao-estimuladas-a-trabalhar/>>. Acesso em: 18 de abr. 2018.
- TUREK, C. **Vila do Artesão**. 2009. In: Design e Tendências <<http://www.viladoartesaos.com.br/blog/2009/10/arts-e-crafts-o-movimento-pelo-artesao-artista-surge-o-designer/>>. Acesso em: 15 de abr. 2018.
- DASPRE – FUNAP. **A grife que liberta – Daspre**. Site institucional. Disponível em <www.daspre.sp.gov.br> Acesso em: 15 de abr. 2018

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-16-1



9 788585 107161